



A MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO EM THE LONGEST MEMORY (1994) DE FRED D'AGUIAR

Elis Regina Fernandes Alves

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

E-mail: elisregi@hotmail.com

RESUMO

The Longest Memory (1994) de Fred D'Aguiar é analisado com foco na teoria da memória da escravidão. O romance tematiza a memória da escravidão numa *plantation* norte-americana nos séculos XVIII e XIX, focando na fuga, delação, captura, castigo e morte de um jovem escravo pelo próprio pai, o velho escravo Whitechapel. A ficção sobre a memória da escravidão faz uma revisitação aos legados deixados por esta barbárie. A utilização do conceito de memória coletiva, de Halbwachs (2006), ajudou a verificar como a memória histórica da escravidão é construída e quais memórias são descartadas para a composição desta memória histórica, que se torna oficializada. Evidenciou-se como o mesmo fato poder ser rememorado de formas diferentes, de acordo com as ideologias de quem as lembra, de modo a deixar claro como a História da escravidão é contada de forma enviesada, unilateral, pois que considera as memórias da elite detentora do poder e não dos sujeitos escravos.

Palavras-chave: Memória. Escravidão. Fred D'Aguiar. *A mais remota lembrança*.

THE MEMORY OF SLAVERY IN THE LONGEST MEMORY (1994) BY FRED D'AGUIAR

ABSTRACT

The Longest Memory (1994), by Fred D'Aguiar, is analyzed from the perspective of the memory of slavery. The novel thematizes the memory of slavery in an American plantation in the eighteenth and nineteenth centuries, focusing on the escape, delation, capture, punishment and death of a young slave by his own father, the old slave Whitechapel. The fiction about memory of slavery revisits the legacies left by this barbarism. The use of collective memory of Halbwachs (2006) helped to show how the historical memory of slavery is built and what memories are discarded for



the writing of the historical memory that becomes official. It was shown how the same fact can be recalled in different ways, according to the ideologies of those who remember them, making it clear how the History of slavery is told in a slanting and unilateral way, since it considers the memories of the detainer elite of power and not of the slaves.

Keywords: Memory. Slavery. Fred D'Aguiar. *The Longest Memory*.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar o romance *The Longest Memory* (1994) de Fred D'Aguiar, com foco na memória da escravidão. O romance trata da escravidão numa *plantation* sulista nos Estados Unidos, em fins do século XVIII e início do XIX. A literatura produzida acerca da escravidão, por muito tempo, restringiu-se a focar o ponto de vista dos brancos escravagistas, que minimizavam a barbárie da escravidão utilizando a suposta inferioridade negra e a necessidade de preservar sua dominação. Isto leva à percepção de que a história e a memória da escravidão eram retratadas de forma enviesada, já que vista de forma unilateral. Além disso, a história da escravidão não era contada de forma a revelar a importância do sistema escravista na propulsão econômica europeia, não na Europa em si, mas principalmente no Novo Mundo, com seus espaços ainda não explorados, que poderiam transformar em muito lucrativa a escravidão negra. (FRANKLIN e MOSS, 1989).

Busca-se aqui analisar as memórias individuais, coletivas e históricas da escravidão. Em *The longest memory* as memórias individuais dos personagens Whitechapel (escravo), Chapel (seu filho morto), Sr. Whitechapel (dono da fazenda), Os fazendeiros (vizinhos do Sr. Whitechapel), Sanders Pai (feitor), Sanders Filho (seu filho, feitor), a cozinheira (mãe de Chapel), Lydia (filha do senhor), a bisneta de Whitechapel, e *The Virginian* (jornal local) podem ser analisadas para a percepção de como o mesmo fato é rememorado por pessoas distintas, com pontos de vista diversos sobre a escravidão, para verificar como a memória coletiva deste fato é



construída. Analisando e contrapondo as lembranças deste romance, busca-se mostrar como a escravidão deixou efeitos e como tais efeitos não podem ser ignorados ou esquecidos. O passado da escravidão, esta diáspora forçada, um legado das empreitadas coloniais, se impõe a nós, na medida em que tantas marcas foram deixadas, como a estereotipação do sujeito negro, o racismo, a inferioridade imposta em tantas esferas sociais, as diásporas atuais. A ficção busca revisitar este passado, rememorando-o ou imaginando-o, numa tentativa de evidenciar os legados da escravidão entre nós. (WARD, 2011).

O trabalho contará com o apoio teórico principal de Maurice Halbwachs em seu *A memória coletiva* (2006), além de outros autores que tematizam a memória como Paolo Rossi (2010), Walter Benjamin (2012), e obras sobre as relações da memória com a história, em autores como Jacques Le Goff, (1994). Sobre a história da escravidão, autores como Segal (1995) Kulikoff (1986), Franklin e Moss (1989), e Franklin e Schweniger (1999).

A ESCRAVIDÃO NAS *PLANTATIONS* NORTE-AMERICANAS

Quando a escravidão negra se consolida nos Estados Unidos, após ter se iniciado nas colônias açucareiras da América Central, surgem as grandes *plantations*, principalmente no sul do país, cujas configurações foram moldadas conforme o tráfico de escravos e o uso da mão-de-obra escrava se apresentavam mais e mais lucrativos. O trabalho do escravo variava de acordo com o tamanho da *plantation*, a quantidade de escravos existentes nela, a existência ou não de um feitor, a supervisão ou não do dono, etc. (MEIER e RUDWICK, 1970). A *plantation* pode ser assim definida:

A plantation era uma unidade econômica onde as culturas rentáveis de açúcar, tabaco e algodão, entre outras, eram cultivadas e processadas para além do nível de subsistência. Um grande latifundiário, também dono de escravos, cultivava somente para fins



de lucro. A fonte de lucro baseava-se no uso extensivo e explorador de escravos ou de mão-de-obra contratada. Os escravos podiam ser organizados como bandos de trabalho, uma situação em que trabalhavam em grupos e eram confinados a locais específicos por um período de tempo. (FALOLA, 2007, p. 305).¹

Nas *plantations*, há o endurecimento das leis escravistas, conforme a população escrava cresce e aumenta o medo de revoltas por parte dos senhores de escravos. Em primeiro lugar, os escravos eram obrigados por lei a tratar qualquer branco com respeito, sem mostrar nenhuma petulância. Em termos de participação jurídica, os escravos não podiam testemunhar em cortes, a não ser contra outro escravo ou um negro livre; não podiam possuir bens, pois não celebravam contratos; não podiam se casar legalmente e nem agredir uma pessoa branca, mesmo que fosse para se defender. (FRANKLIN e MOSS, 1989). Enquanto as leis escravistas garantiam os direitos que os escravos não teriam, também garantiam que os escravistas tivessem o mínimo de prejuízo possível com sua 'propriedade'. Não podiam ainda sair da *plantation* sem um "passe", uma autorização por escrito de seu proprietário, nem visitar brancos ou negros livres, sem contar que "Nunca deviam reunir-se a menos que estivesse presente uma pessoa branca e nunca deviam receber, possuir ou transmitir qualquer literatura incendiária destinada a incitar insurreições." (FRANKLIN e MOSS, 1989, p. 133).

Além de não terem praticamente direito algum assegurado por lei, os escravos enfrentavam um regime de trabalho árduo nas *plantations*, já que a maioria dos escravos no sul e centro-sul viviam na região rural. Na época da sementeira ou da colheita, dependente do tipo de cultura utilizada, era comum que os escravos trabalhassem por 15, 16 ou 18 horas por dia, com intervalo apenas para comer. (SEGAL, 1995).

¹ The plantation was an economic unit where the profitable crops of sugar, tobacco, and cotton, among other crops, were grown and processed beyond the subsistence level. A large landowner, also a slave owner, raised crops solely for profit considerations. The source of profit was based on extensive and exploitative use of slaves or indentured labor. The slaves could be organized as gang labor, a situation in which they worked in groups and were confined to specific locations for a duration of time. Others worked as peasants and were given daily tasks to perform.



Era comum nas grandes *plantations* que houvesse um capataz, o “feitor” e até mesmo um ou mais assistentes, que podiam ser escravos, às vezes. Esses ajudantes eram chamados de “drivers” e, quando eram negros, causavam ressentimento nos outros escravos, que os consideravam traidores. Onde havia um feitor, havia brutalidade. Essa máxima podia ser aplicada a quase todas as *plantations*, pois, como entendem Meier e Rudwick (1970), os feitores “Não tinham nenhuma preocupação com os escravos como pessoas ou mesmo como propriedade.” (p. 66)² e como eram cobrados por produtividade, encontravam nas punições o meio mais eficaz de obtê-la.

No que concernia à moradia destinada aos escravos, eram barracos sem janelas ou pisos, onde moravam apertados e quase sem mobília alguma. O frio era um problema, pois muitos escravos mal tinham uma cama e dormiam, quase sempre, no chão, com algum cobertor e palha. (KULIKOFF, 1986). Outra situação que evidencia a falta de dignidade na vida do escravo, e da mulher escrava, em particular, é a recorrência do estupro de escravas por parte de feitores e de seus donos. Assim como os castigos corporais, o estupro também funciona como forma de controle, de imputação de medo, da humilhação dos escravos que viam suas esposas, mães, filhas, amigas serem abusadas e nada poderem fazer:

O efeito sobre a psique negra disto [do estupro] raramente pode ser exagerado. Afetadas não foram apenas as inúmeras mulheres negras que foram vítimas imediatas, mas também todos as outras que viveram suas vidas com medo de que pudessem se tornar também vítimas. Além disso, a escolha sexual branca não levava em conta qualquer relação existente entre uma escrava e um escravo. Humilhados pela sua própria impotência, os negros tinham simplesmente de suportar a violação de mulheres com quem tinham estabelecido uniões de amor e respeito. (SEGAL, 1995, p. 59).³

² had no concern about the slaves as people or even as property.

³ The effect on the black psyche of this can scarcely be exaggerated. Affected were not only the innumerable black women who were immediate victims, but also all the others who lived their lives in fear that they might become such. Moreover, white sexual choice took no account of any existing relationship between a female slave and a male one. Humiliated by their very helplessness, black men had simply to endure the rape of women with whom they had established unions of love and respect.



Sobre este assunto, Meier e Rudwick (1970) entendem que o estupro era “uma das forças poderosas que atuavam para enfraquecer completamente a família escrava.” (p. 147). Sobre a miscigenação que se dava pelo estupro, o número ato de mestiços evidencia sua recorrência. E, embora fosse incomum, havia casos de mulheres brancas que se uniam sexualmente a homens negros, o que era um crime. Quando descobertas, era comum que negassem o ato que era condenável pela sociedade e sua inocência era presumida, e o homem negro era, invariavelmente, condenado por estupro.

Era contra a lei permitir que um escravo tivesse acesso a materiais educativos ou fosse ensinado a ler e escrever, mesmo que fosse dentro dos limites da *plantation*. (MEIER e RUDWICK, 1970), e os ofícios ensinados a eles como artesãos eram apenas aqueles que não exigiam que fossem alfabetizados, o que lhes vetava, por lei, a chance de trabalhar em serviços de imprensa (SEGAL, 1995). De acordo com Kulikoff, (1986), impedir a alfabetização era um meio de controle:

Os escravos compreendiam o poder da alfabetização, e muitos provavelmente queriam ler e escrever, mas os brancos usavam seu monopólio sobre a leitura e a escrita para ajudar a controlar o comportamento negro, exigindo passes escritos para que os escravos viajassem sozinhos. (p. 396).⁴

Talvez os senhores de escravo não percebessem, claramente, a implicação da alfabetização na formação de um espírito combativo nos escravos, até porque, era comum que pensassem que os escravos não tinham capacidade intelectual para aprender.

Muitos escravos tentavam encontrar sua liberdade através da fuga. Diversas razões levavam o escravo a fugir, como as punições severas, o trabalho forçado, o medo da mudança de patrão ou feitor, a falta de comida, moradia, calçados, pela

⁴ Slaves understood the power of literacy, and many probably wanted to read and write, but whites used their monopoly of reading and writing to help control black behavior, requiring written passes for slaves to travel alone.



venda do cônjuge ou filhos, pela falta do descanso semanal, e tantos outros motivos mais difíceis de apontar, como tristeza, raiva, saudade. (SEGAL, 1995).

A maioria dos fugitivos eram homens jovens e objetivava ir para o Norte ou para o Canadá, onde a abolição já fora adotada, porém, chegar até estes lugares sem ajuda era bastante difícil, pois os escravos precisavam de um passe escrito por seus donos para poder transitar fora da *plantation*. Havia, ainda, certa idealização por parte dos escravos acerca de como o Norte tratava os negros.

As fugas se constituíam um problema para os donos das plantações pois não sabiam como agir. Até que ponto o castigo podia ir? Como agir para não perder o respeito dos outros escravos e dos vizinhos escravistas? As vozes dos plantadores ecoavam em jornais e periódicos da época em matérias aconselhando os colegas como agir:

Esse conselho vinha das páginas de periódicos como *De Bow's Review*, *Southern Cultivator*, *Farmer's Register*, *Carolina Planter* and *Farmer and Planter*, nos artigos "Sobre a Gestão dos Escravos", "A Gestão dos Negros", "Gestão sensata da força da Plantação", "Gestão Moral de Negros", e "Gestão de Escravos". Ele também aparecia em conversas e correspondência entre donos de escravos. Na verdade, não parecia haver fim para discussões sobre como gerenciar escravos, quais incentivos oferecer, que liberdades conceder, que penalidades infligir e como responder aos escravos que se recusavam a obedecer as regras. (FRANKLIN e SCHWENINGER, 1999, p. 241).⁵

Era comum que na caçada ao fugitivo usassem cães, os chamados "negro dogs", que eram treinados para capturar apenas negros, embora em alguns estados isso fosse proibido, o que, obviamente, não era respeitado. Os escravos temiam ser capturados por cães, pois sabiam que podiam receber sérios ferimentos ou mesmo morrer

⁵ Such advice came from the pages of periodicals such as *De Bow's Review*, *Southern Cultivator*, *Farmer's Register*, *Carolina Planter* and *Farmer and Planter*, in articles "On the Management of Slaves", "The Management of Negroes", "Judicious Management of the Plantation Force", "Moral Management of Negroes", and "Management of Slaves". It also came in conversations and correspondence between slaveholders. Indeed, there seemed to be no end to discussions about how to manage slaves, what incentives to offer, what liberties to grant, what penalties to inflict, and how to respond to slaves who refused to obey the rules.



Após ser capturado, apanhar do caçador, ser mordido por cães, apanhar em prisões, passar fome, frio, sede, estar exausto da fuga, o escravo sabia o que o esperava na *plantation*. Ele seria alvo de um espetáculo, sendo punido diante de todos os escravos, para servir de exemplo. Na maioria das *plantations*, os feitores eram orientados sobre as punições a serem dadas aos fugitivos, que podiam ser “Colocá-los em ferros ou grilhões, colocá-los em celas, deixá-los na prisão e, mais comumente, chicotadas.” (FRANKLIN e SCHWENINGER, 1999, p. 239).⁶ Os plantadores costumavam orientar quanto ao número mínimo e máximo de chibatadas para o fugitivo, e o comum era que fossem cem. Mas descumprimentos dessa ordem eram corriqueiros, pois o feitor queria se vingar do escravo fugido que o fizera deixar sua família, seu trabalho e andar mata adentro por quilômetros no frio ou calor extremos, cansar-se, até encontrá-lo.

Importa, agora, entender como funciona o processo da memória, para que o foco deste trabalho seja colocado sobre a memória da escravidão no romance aqui analisado.

A MEMÓRIA

Ao suscitar a discussão acerca das memórias individuais, Halbwachs (2006) entende que as memórias individuais existem sim, mas são sempre alimentadas pelo social, visto sermos seres sociais. Assim, por mais que se acredite que uma memória seja apenas individual, ela recebe alguma influência do contexto no qual o sujeito se insere. A memória individual poderia ser entendida como uma espécie de ponto de convergência ou de articulação das variadas influências sociais que recebemos ao longo da vida. Para Halbwachs (2006) embora alguns fatos tenham sido vividos apenas por nós, sua lembrança será sempre coletiva, pois nunca estamos sozinhos de fato:

⁶ placing them in irons or shackles, putting them in stocks, leaving them in jail, and, most commonly, whipping.



Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (p. 30)

Na visão de Halbwachs, essas memórias que parecem ser individuais, que pensamos ser vividas e sentidas apenas por nós, na verdade se apoiam na coletividade e formam lembranças comuns.

A seguir, o autor vai explicar o que entende por memória coletiva em comparação com memória histórica, sendo importante ressaltar que a história não é desprovida de ideologias e nunca é contada inocentemente. Para Jacques Le Goff (1994), o historiador está, em primeiro lugar, submetido ao tempo em que vive, o que condiciona sua interpretação dos fatos, pois os fatos históricos são vistos de forma diferente conforme mudam os tempos. A história é descrita sob determinado ponto de vista, que não consegue englobar todas as memórias coletivas dos participantes de determinado fato. Há mais dados do que o historiador pode incluir, porém, em alguns momentos, há dados falhos, lacunas a serem completadas. Porém é difícil distinguir os limites entre memória coletiva e história. Se a história se nutre da memória, qual o ponto em que a memória coletiva se transforma em história? Ou ainda: quais memórias coletivas se tornam história? Para Halbwachs, quando os grupos que retêm uma determinada memória coletiva começam a morrer, o único meio de preservar tal memória é “fixá-las por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e os pensamentos morrem.” (p. 101). Assim, entende-se que a memória coletiva de um fato existe enquanto aquele grupo que vivenciou o fato existe.

Walter Benjamin (2012), ao discutir o conceito de história, acredita que o historiador não vê o passado tal como ele foi, mas o capta de acordo como ele se afigura em um “momento de perigo” (p. 243). Esse perigo, para o autor, seria entregarmo-nos às classes dominantes e servirmos como seu instrumento. O historiador teria o “dom despertar no passado as centelhas da esperança” (p. 244).



Entretanto, o que ocorre é que o historiador, ao contar o fato histórico, não consegue livrar-se de suas influências, do que sabe ou leu ou ouviu sobre tais fatos. Pior ainda é o fato de o historiador desenvolver empatia, quase sempre, pelos vencedores, não pelos vencidos: “Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores.” (p. 244). São os dominadores que deixam legados certos bens culturais, produzidos pela “servidão anônima” (p. 245) dos dominados, ou seja, por meio da dominação, da exploração, da barbárie em si. A esse respeito, Pichler (2007) acredita que o passado seja maleável, na medida em que pode ser instrumentalizado, moldado de acordo com certos interesses: “Grupos sociais dominantes, nações e estados, por exemplo, muitas vezes controlam o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.” (p. 3)⁷, o que não nos torna, sempre, senhores de nossas histórias, memórias e discursos.

Vale lembrar o que Le Goff (1994) disse acerca do conceito de história, em si, que pode significar, também, narração: “Uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na “realidade histórica” ou puramente imaginária- pode ser uma narração histórica ou uma fábula.” (p. 18). Assim, podemos repensar a própria história da escravidão que, durante muito tempo, foi contada apenas com base na visão de historiadores ligados à escravidão, os quais faziam parte de uma elite detentora do poder econômico que usava a mão-de-obra como meio de enriquecimento, propiciando a defesa da escravidão, por vezes como um bem aos próprios escravos, seres pagãos, incultos, bárbaros, ou seja, necessitavam desse “bem” para serem tirados de seu meio selvagem, outras vezes como um “mal necessário”, como já vimos.

Ao estudarmos a representação da memória da escravidão na literatura, relembremos que a memória, para Le Goff, “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas,

⁷ Dominant social groups, nations, and states, for instance, often control what is to be remembered, and what is to be forgotten.



graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (1994, p. 423). Tratando da escravidão, é preciso entender que escravizados vão “atualizar” impressões/informações bastante diferentes das dos escravizadores, pois o olhar de ambos para esse mesmo fato histórico será, necessariamente, diferente. Nesse sentido, as narrativas produzidas por escravos (pelos poucos que eram alfabetizados ou por outros ajudados por brancos abolicionistas que eram alfabetizados) obviamente vão “atualizar” memórias coletivas que remetem aos sofrimentos e injustiças da instituição da escravidão, o que também ocorre com obras de ficção pós-abolição. As obras que buscam resgatar a memória da escravidão representarão tais memórias ou criarão memórias fictícias, de certa forma conseguindo representar o esquecimento imposto por tantos anos a tais memórias. Vejamos agora como isso se dá no romance “A mais remota lembrança”, de Fred D’Aguiar.

A MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO EM “A MAIS REMOTA LEMBRANÇA”, DE FRED D’AGUIAR

O romance *The Longest Memory*, foi publicado em 1994 e nele será analisada a memória da escravidão que advém da vivência na *plantation*, realidade comum nos Estados Unidos dos séculos XVIII e XIX.

O romance conta a história de Whitechapel, escravo mais antigo da fazenda Whitechapel, cujo filho, Chapel, foge da fazenda. Temendo por sua vida, o velho Whitechapel o delata a seu patrão, em troca de ter sua vida poupada. Mas, quando recapturado, o jovem morre com 200 chibatadas dadas pelo feitor, que mais tarde saberemos ser meio irmão de Chapel, já que sua mãe fora estuprada pelo feitor antigo e Whitechapel assumira a criança fruto do estupro como sua. O romance, então, recontará as memórias da história da concepção do jovem, de sua fuga, delação, captura e morte, além de seu envolvimento com a filha do patrão, do arrependimento do velho Whitechapel, da condenação do dono da fazenda por



outros fazendeiros por ser benevolente demais com seus escravos, da raiva que sentem os outros escravos por Whitechapel ter denunciado seu próprio filho, do jornal local emulando o castigo, bem como do desejo de Whitechapel de morrer para esquecer o que fizera e sua dor pela perda de seu único filho homem.

Quando o filho é capturado e trazido, Whitechapel sente alívio, pensando que o salvara. Whitechapel acredita que mesmo sendo tratado dessa forma, o filho estaria melhor ali do que fugindo pela floresta, à mercê de todo tipo de perigos. Entende que o filho precisava dessa lição para aprender seu lugar, de escravidão e submissão, deixando sonhos tolos de liberdade para trás. E percebe que ali, castigado diante de todos, seria o exemplo que os demais precisavam, também: “Ali o exibiam por sua teimosia, provando que pertencia ao tipo de pessoas que só aprendiam com custosos erros de primeira mão.” (1997, p. 26). Mas, quando o feitor impõe o castigo mais severo ao seu filho, Whitechapel entende que ele não será poupado, como seu dono prometera:

Quando ele disse o número de chibatadas, um grito de assombro subiu da multidão e encheu o ar do início da noite. Eu me pus a lutar contra o domínio de dois homens, que simplesmente me apertaram com mais força e me obrigaram a ajoelhar. [...] A primeira chibatada abriu um buraco em minha cabeça e eu gritei por meu filho, que caiu tão em silêncio quanto a grama e as árvores. Minhas duas filhas restantes choravam com os filhos e netos, e pediam clemência ao Sr. Sanders. [...]. A dor deles rasgava a noite em tiras. (1997, p. 29).

Como 200 chibatadas era algo dificilmente tolerável a algum ser humano, os demais escravos se desesperam, pois sabem que o rapaz pode morrer. A descrição de Whitechapel é pungente, evidenciando o quanto sofriam os parentes do rapaz, vendo-o ser encaminhado à morte por um feitor nada complacente, e a metáfora de sua dor rasgando a noite em tiras faz referência às suas costas sendo cortadas pelo açoite. A linguagem usada por Fred D’Aguiar na voz de seu personagem protagonista, Whitechapel, evoca um tom poético que parece incompatível com a cena que descreve, a morte de um jovem pela chibata:



A chibata o devorava, mas, como todo glutão que se empanturra, mordida e mastigava sem engolir, simplesmente mordida e mastigava mais um pouco, até ter a boca tão cheia que a comida vazava pelos cantos, para dar lugar a mais. A chibata comeu-lhe as carnes até a contagem chegar a duzentos. (1997, p. 13).

A metáfora do glutão é extremamente dura, quando pensamos que o que a chibata comia eram as carnes do rapaz. Neste sentido, Fred D'Aguiar consegue evidenciar, com clareza, a crueldade de tais castigos, que excediam qualquer tolerância física, levando, obviamente, muitos escravos à morte. Ao presenciar a morte do filho pela chibata, Whitechapel acredita que não pode mais ser quem era antes disso tudo acontecer, por isso quer não mais ter um nome, e assume o olhar vazio do filho: “A partir daquele instante, assumi seu olhar.” (1997, p. 13). Whitechapel acredita que só assim pode continuar vivendo, após presenciar a cruel morte do filho e sentir o peso da culpa sobre seus ombros: “Cerrei aqueles olhos após uma última olhada neles. Pedi desculpas e os cerrei, e adotei a exata expressão deles nos meus.” (1997, p. 14). O olhar adotado, do filho morto, indica que Whitechapel não via mais sentido em viver, que morrera ali também, junto com o rapaz.

Sobre a memória do dono da fazenda, lembra-se de culpar Whitechapel e o próprio rapaz pela morte, tirando, assim, as responsabilidades que ele tinha como dono da fazenda:

O ato dele foi rebelião, do tipo mais odioso. Se sobrevivesse, a vida dele nesta fazenda estaria acabada. Você mesmo disse que um escravo que provou a liberdade jamais pode voltar a ser um escravo mesmo. Você, Whitechapel, combinou comigo que ia conter o espírito anárquico de seu filho. Nós combinamos nesta mesma sala de jantar protegê-lo de si mesmo, expulsando da mente dele essas ideias tolas de liberdade. Whitechapel, você falhou. Eu confiei em você e você me decepcionou. (1997, p. 33).

O discurso do dono da fazenda é construído de modo a eximir-se de qualquer culpa, fazendo com que o rapaz morto, que não podia se defender, seja considerado culpado, já que tinha “ideias tolas de liberdade”, o que o levou à morte, pois se fosse



um escravo submisso, não teria provocado a própria morte. Da mesma forma, culpa também seu pai, que deveria ter controlado tais ideias no rapaz, que ele chama de “anárquicas”. Ainda, buscando ser compreendido e aceito novamente no meio do qual fazia parte, o Clube do Cavalheiro, onde era considerado muito bondoso com seus escravos, apela por contar a história do estupro de sua escrava pelo antigo feitor, de modo a tentar justificar-se perante seus pares. O sr. Whitechapel, vendo-se acuado pelos outros fazendeiros, que não aceitam que ele defenda os escravos, pois de fato, a morte do jovem rapaz não fora por ele ordenada, mas uma decisão tomada por seu feitor, acaba por recorrer à memória que ele queria esquecer, na tentativa de aplacar os ânimos daqueles que o viam como abolicionista. Ele sabe que isso feria sua própria promessa de manter o assunto silenciado para sempre, mas não via outra alternativa: “Embora Chapel se tenha ido, ainda há Whitechapel. Chapel morto, a chibata enterrada- pelo menos na fazenda Whitechapel- com ele. E ainda há o velho Whitechapel. Whitechapel, que nenhuma cova parece capaz de reclamar, leal além do que exige o dever.” (1997, p. 79). Ele sabe que a memória coletiva do estupro continua viva através dele e de Whitechapel, e que agora é também partilhada por todos ali. Ele paga esse preço para ser aceito de novo.

Sobre o jovem escravo morto, há um capítulo no qual ele conta, em forma de versos, como sua alfabetização secreta, ensinada pela filha do patrão, foi descoberta por seu dono, e como foi castigado por isso, sendo obrigado a prometer nunca mais tentar tal empreitada, nunca mais ler ou escrever, sob ameaça de ser vendido para longe:

Tirou o cinto, fez sinal para que eu me curvasse e gritou.
O risco é seu. Enquanto batia, falava. Não,
Repito, não deixe nunca mais que eu o pegue lendo
De novo. Se o fizer será mandado embora,
Para um lugar distante onde os rapazes escravos
Morrem de fome, trabalho árduo e chibata. (1997, p. 65-66)

Assim, Chapel evidencia em seu poema como teve de demonstrar submissão, para acalmar seu dono e impedir que castigos mais terríveis lhe fossem aplicados.



Porém, Chapel já tinha seus sentidos aguçados pela ideia de que a alfabetização podia lhe abrir novas portas, sentia-se curioso e sedento de obter mais e mais conhecimento.

Sobre o jornal local, haverá o debate sobre o castigo que deve ser administrado aos fugitivos e como se deve administrar a fazenda. Sobre o fugitivo, o editor acredita que se o escravo pretendia roubar seu dono de seus serviços, sua captura não basta para recuperar os dólares perdidos nos dias em que esteve fugido, por isso, é justo que ele seja também punido:

A prática tem sido ministrar alguma coisa por volta das duzentas chibatadas, com outras restrições de dieta e talvez cadeias nos pés por uma ou duas semanas depois. Isso parece justo e limpo. A suposição é dupla. Uma, que o fugitivo pretendia roubar a fazenda de seu trabalho para sempre. E duas, que sua captura deve servir de exemplo para dissuadir outros de tentarem um tão grande roubo. (1997, p. 109).

Ao criar este tipo de notícia, o jornal acabava por criar uma memória histórica sobre a escravidão, pois as vozes que se ouviam, ao se oficializar a história, eram aquelas consideradas “importantes”, e, então, vozes de escravos e abolicionistas não importavam à imensa maioria dos senhores favoráveis à escravidão, pois que com ela lucravam e muito. Assim, o jornal *The Virginian* leva ao público branco e letrado de sua época a “verdade”: de que escravos fugidos deviam ser castigados, já que eram ladrões, roubando seus donos de seu trabalho. Além disso, seu castigo serviria de impedimento para outros que pensassem em tentar a mesma empreitada.

O jornalista do *The Virginian* acredita que a morte cruel dos escravos fugidos não deva ocorrer, pois traria ressentimento aos outros escravos, mais do que ensinaria alguma lição. A seu ver, o castigo firme, ou seja, as 200 chibatadas são a chave do “castigo como instrução”:

[...] o escravo deve ser um exemplo vivo de alguém que fracassou na tentativa de fugir; deve atuar como uma lembrança viva desse fracasso para todos que alimentem tal ideia. O problema do fugitivo morto, por mais brutais que sejam os meios da morte, é muito simplesmente que o próximo



escravo logo se convence de que pode evitar os cães, a chibata e as correntes. (A.M.R.L., 1997, p. 111).

Aqui vemos que a preocupação do editor não é a de causar mortes dolorosas e cruéis aos fugitivos, mas com o fato de que isso não serviria de exemplo a outros escravos, por isso é favorável às 200 chibatadas.

Sobre a incompreensão por parte dos outros escravos pela delação de Whitechapel, tem-se a voz da bisneta que percebe o sofrimento do avô, mas não o compreende. Afinal, por que delatara o próprio filho? Nenhum dos escravos compreendia: “Que forma de raciocínio teria convencido Avô de que o filho estaria a salvo?” (1997, p. 130). Os fazendeiros creditavam isso à sua obediência, mas o sr. Whitechapel sabia que ele havia confiado a vida de seu filho ao fato de ter mantido o segredo de sua paternidade anos antes, crendo que o feitor também o sabia e não chicotearia seu próprio irmão até a morte. Sem entender a atitude de Whitechapel, a bisneta rememora como ele se tornara um pária, como, desde então, todos deixaram de se importar com sua tristeza ou alegria, se vivia ou morria, e era deixado sozinho num canto, sem que lhe falassem ou sorrissem ou ajudassem: “Ninguém fala com ele, nem lhe sorri, a não ser eu, às vezes. Quando passo por ele, ao largo, vejo-o sentar-se. Faz-me rir. Contenho o riso, que me sacode o corpo. É um fantasma que todos vemos e ignoramos, porque matou seu único filho.” (1997, p. 129).

Ao fim da narrativa, talvez pela primeira vez em sua longa vida de escravo, Whitechapel se questione se a escravidão duraria para sempre, se era justo que os brancos dominassem os negros para sempre. Começa a pensar que seu filho estivera correto em tentar ter liberdade e ele errado em querer mantê-lo junto a si. Acredita, agora, que uma vida longa não é algo positivo sendo um escravo, pois quanto mais se vive, mais tristeza sente, mais mortes presencia, mais azeda fica sua boca, mais culpa carrega nos ombros:



Tenho a cabeça pesada demais para estes ombros. Olhos que viram demais para um corpo, descansem. Boca que guardou coisas demais para si mesma, fale. Noite e dias estes olhos estão abertos. Noite e dia esta boca se recusa a falar; não pode nem começar a falar; tem coisas demais a dizer. A boca vira-se para baixo. Tudo que nunca conseguiu dizer azedou lá dentro. (1997, p. 141).

Próximo da morte, analisa sua vida e percebe que a morte esteve presente nela, sempre. Não consegue dizer o que queria, pois deixou coisas demais sem dizer sua vida toda e agora parece não haver mais sentido em falar, pois já perdera a todos aqueles que amara, e levava seu filho à morte. A boca que não fala contrasta com os olhos que não fecham, simbolizando a memória constante de seus erros, a impossibilidade do esquecimento. O esquecimento não vem, então parece sentir alívio com a aproximação da morte, onde talvez consiga não lembrar mais, não rememorar mais, não remoer sua culpa, seu arrependimento: “Preciso me sentar. Não, deitar. Repousar estes olhos, cansados de tentar não ver. Descansar esta boca. Parar de provar o azedume lá dentro. Esquecer. A lembrança é a dor tentando ressuscitar.” (1997, p. 141). Só na morte é que Whitechapel sente que conseguirá esquecer. A memória da escravidão que ele carregava consigo irá morrer com ele, o segredo da paternidade de seu filho, a culpa do feitor em matar seu meio-irmão, a expectativa de que seu filho fosse poupado, por ser ele um escravo leal. As memórias coletivas que ficarão para seu grupo de escravos é a de um velho que delatou o próprio filho, preferindo ser leal a seu dono do que à sua família.

CONCLUSÃO

A utilização da teoria da memória coletiva mostrou-se válida neste trabalho, clareando as ideias acerca do apagamento proposital de certas memórias coletivas da escravidão, o silenciamento de vozes cuja ideologia não importava para aqueles que detinham o poder de fazer história, fazendo com que muitas memórias fossem ignoradas e relegadas ao esquecimento. Ao mesmo tempo, as memórias coletivas de quem detinha o poder, no período de vigência da escravidão negra no mundo, a



saber, os senhores escravistas, eram praticamente as únicas utilizadas para se cristalizar uma memória quase uma acerca da escravidão. Estamos falando das memórias esquecidas dos escravos, pois que silenciados por sua condição social de quase imobilidade diante dos códigos escravistas e outras leis que os relegavam à condição de animais ou objetos, expectadores quase passivos diante de seu próprio destino.

Em *The Longest Memory* a memória histórica sobre o ocorrido na fazenda Whitechapel, ou seja, a fuga, delação, captura e morte do escravo Chapel com 200 chibatadas, foi construída com base nas memórias coletivas do feitor e do dono da fazenda, que consideravam que o rapaz fora o causador de sua própria morte, já que era um encrenqueiro e sabia que fugir o levaria à morte. A memória coletiva do estupro da cozinheira, mãe de Chapel, pelo feitor antigo, é esquecida, bem como o fato de que as 200 chibatadas foram aplicadas por seu meio-irmão. O jornal local emula a ideia de que os escravos fugitivos merecem castigos, para servir de exemplo aos demais. A memória coletiva da alfabetização de Chapel é esquecida, bem como seus questionamentos sobre o destino dos escravos. Até mesmo para os escravos da fazenda Whitechapel, a memória coletiva que ficará é a de um velho escravo que preferiu delatar o próprio filho em favor do patrão, um traidor de seu povo.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas I. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

D'AGUIAR, Fred. *A mais remota lembrança*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FALOLA, Toyin. Plantations. In: FALOLA, Toyin; WARNOCK, Amanda (Ed.). *Encyclopedia of the Middle Passage*. Connecticut/London: Greenwood, 2007. p. 305-306.



FRANKLIN, John Hope; MOSS, Alfred A. *Da escravidão à liberdade: a história do negro americano*. Trad. Élcio Gomes de Cerqueira. Rio de Janeiro: Nórdica, 1989.

FRANKLIN, John Hope; SCHWENINGER, Loren. *Runaway Slaves: Rebels on the Plantation*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1999.

MEIER, August; RUDWICK, Elliot. *From Plantation to Ghetto*. New York: Hill and Wang, 1970.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

KULIKOFF, Allan. *Tobacco and Slaves: The Development of Southern Cultures in the Chesapeake, 1680-1800*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1986.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

PICHLER, Susanne. 'The sea has no memory': Memories of the Body, the Sea and the Land in Fred D'Aguiar's *Feeding the Ghosts* (1997). *Acta Sci. Human Soc. Sci. Maringá*, v. 29, n. 1, p. 1-17, 2007.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das idéias*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SEGAL, Ronald. *The Black Diaspora: Five Centuries of the Black Experience Outside Africa*. New York: Noonday, 1995.

WARD, Abigail. *Caryl Phillips, David Dabydeen and Fred D'Aguiar: Representations of Slavery*. Manchester and New York: Manchester University Press, 2011.